



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

GILDERLANDIA NUNES DA SILVA

**Oralidade e Escrita: Relações e Impactos na Formação do Sujeito
Comunicativo**

ITAPORANGA

2024

GILDERLANDIA NUNES DA SILVA

**Oralidade e Escrita: Relações e Impactos na Formação do Sujeito
Comunicativo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em Letras
da Universidade Federal da Paraíba como parte
do requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Souza Silva
Mendes de Araújo

Itaporanga
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

2286o Silva, Gilderlandia Nunes da.

Oralidade e Escrita: relações e impactos na formação
do sujeito comunicativo / Gilderlandia Nunes da Silva.

- João Pessoa, 2024.

22 f.

Orientadora: Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2024.

1. Oralidade. 2. Escrita. 3. Comunicativo. I.
Araújo, Fabiana Souza Silva Mendes de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 801

GILDERLANDIA NUNES DA SILVA

**Oralidade e Escrita: Relações e Impactos na Formação do Sujeito
Comunicativo**

RESULTADO: APROVADA NOTA: 9,3

Itaporanga _____ de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva (examinador)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva (examinador)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir a conclusão de uma formação e por permitir que, ao longo dos semestres letivos desta licenciatura, eu pudesse ser formado, mesmo que virtual e profissionalmente por professores admiráveis.

Aos meus pais – Antonio Manoel e Luzia Nunes minha profunda gratidão por todo amor, dedicação e apoio incondicional ao longo da minha vida. Ao meu esposo José Martins, minha eterna gratidão por ser meu porto seguro em todos os momentos. Por seu amor, paciência, palavras de incentivo e pela força que me deu nos dias mais desafiadores. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu mesma duvidava. Sua presença tornou essa caminhada mais leve e significativa.

Aos meus filhos, Gislyedson, Isaac, Callebe e Eloah Nunes, minha razão de viver e fonte inesgotável de amor. Cada sorriso, abraço e palavra de carinho me deram forças para superar os desafios e seguir em frente. Dedico a vocês que tornam minha vida mais completa e feliz. E aos meus irmãos – Gilcilene, Gilberlandio, Gerleandro, Gildevanio, Girlene, Luciene, Gilvaneide, Luziene, Gerlandio, Giliarde, Gilvanildo, Antonio Filho e Gercilandio Nunes, que sempre me apoiam e me ajudam em cada empreitada da minha vida.

Ao Prof. Jorgevaldo de Souza Silva, porque sem ele, provavelmente, não teria chegado até aqui.

Aos meus incentivadores e apoiadores do polo de Itaporanga, em especial a Uberlândia e Bruno Rodão, que sempre estavam disponíveis a me ajudar.

Sou grato por oportunizarem um espaço no qual percebi e do qual extraio inúmeras possibilidades de pesquisa, entre elas, este trabalho.

À Profa. Dra. Maria de Lourdes Pereira Alves, por ser minha maior inspiração desde o ensino médio.

À Profa Fabiana de Souza da Silva, pela aceitação e serenidade para orientação deste estudo, sempre tendo um posicionamento empático comigo ao longo desse semestre

À Profa. Dra. Regina Celi, por sua atitude amável, competente e profissional.

À comissão examinadora deste trabalho (não sei quem são), mas creio que seja uma forma nobre de eu encerrar este ciclo acadêmico.

A todos os professores com os quais tive contato ao longo desta formação e que consequentemente me formaram professor. E, por último e, não menos importante, agradeço à minha psicóloga Gracyelly Nunes, saiba que sem suas escutas nas madrugadas, eu não estaria aqui, depois daquela pandemia.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

SUMÁRIO

RESUMO	8
1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 ORALIDADE PRIMÁRIA	17
2.3 CARACTERÍSTICAS:	17
2.4 FALA E ESCRITA	19
2.5 IMPACTO DA TRANSIÇÃO DE ORALIDADE PARA ESCRITA.....	20
3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	21
3.1 DA ANÁLISE.....	22
4 CONCLUSÃO.....	23
REFERENCIAS	24

RESUMO

A oralidade e a escrita são elementos essenciais na construção do sujeito comunicativo, influenciando profundamente o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos indivíduos. A oralidade, enquanto prática de comunicação espontânea e interativa, facilita a troca imediata de ideias e fortalece a argumentação e a escuta ativa. A escrita, por sua vez, contribui para a organização e a permanência do pensamento, permitindo ao sujeito registrar e aprofundar conhecimentos. Walter Ong (1982) discute as diferenças cognitivas entre culturas orais e escritas, destacando o impacto da escrita na estruturação do pensamento abstrato e na construção de uma consciência crítica. Já Paul Zumthor (1993) explora a oralidade como um fenômeno performático, que, além de servir à comunicação, é uma manifestação de identidade cultural e social. Essas duas práticas, quando integradas no ambiente educacional, têm o potencial de formar sujeitos comunicativos mais completos e críticos, capazes de interpretar e expressar ideias em diferentes contextos. No entanto, a literatura aponta para desafios nesse processo, como o excesso de foco na escrita formal e a negligência da oralidade no ensino tradicional. Paulo Freire (1987) enfatiza a importância de uma educação linguística crítica, que valorize ambas as práticas para promover a autonomia e a cidadania. A integração entre oralidade e escrita contribui não apenas para o desenvolvimento linguístico, mas também para a construção de habilidades cognitivas e sociais, tornando o indivíduo apto a participar de maneira ativa e responsável na sociedade.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Comunicativo. Social.

ABSTRACT

Orality and writing are essential elements in the construction of the communicative subject, profoundly influencing individuals' intellectual, social, and cultural development. Orality, as a form of spontaneous and interactive communication, facilitates the immediate exchange of ideas and strengthens skills such as argumentation and active listening. Writing, in turn, contributes to the organization and permanence of thought, allowing individuals to record and deepen knowledge. Walter Ong (1982) discusses the cognitive differences between oral and written cultures, highlighting the impact of writing on the structuring of abstract thought and the construction of critical consciousness. Paul Zumthor (1993) explores orality as a performative phenomenon that, beyond its communicative function, serves as a manifestation of cultural and social identity. These two practices, when integrated into educational contexts, have the potential to form more complete and critical communicative subjects, capable of interpreting and expressing ideas across diverse contexts. However, literature points to challenges in this process, such as an overemphasis on formal writing and the neglect of orality in traditional education. Paulo Freire (1987) emphasizes the importance of a critical linguistic education that values both practices, promoting autonomy and citizenship. The integration of orality and writing contributes not only to linguistic development but also to the construction of cognitive and social skills, making individuals better prepared for active and responsible participation in society.

Keywords: Oral. Written. Communicative. Social.

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresenta as dificuldades encontradas no processo de desenvolvimento da leitura, escrita e da oralidade. Para o desenvolvimento dessa pesquisa é necessário analisar como está desenvolvendo a prática de leitura e escrita que apresenta grande dificuldade de ser inserida no cotidiano das crianças como uma prática social e prazerosa. A escolha pelo tema surgiu com a experiência de ensino que tenho vivenciado durante as aulas de reforço, observando percebo que tais dificuldades estão presentes na sala de aula. Assim, se faz necessário compreender por que a comunicação que é uma habilidade essencial para a construção das relações sociais, culturais e educacionais de um indivíduo, está em defasagem. E a oralidade e a escrita ocupam um papel central nesse processo. Enquanto a oralidade remete à tradição cultural e ao desenvolvimento de habilidades interpessoais e argumentativas, a escrita oferece uma forma de registrar e organizar o pensamento de maneira estruturada e duradoura. No contexto da educação, a integração dessas duas práticas é fundamental para a formação de um sujeito comunicativo, capaz de interpretar e interagir com o mundo ao seu redor de forma crítica e criativa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe-se a investigar as relações entre oralidade e escrita, explorando como essas habilidades se complementam e influenciam o desenvolvimento comunicativo e cognitivo dos indivíduos. Através de uma análise teórica e da discussão de estratégias pedagógicas, busca-se entender o papel de ambas as práticas no processo formativo, identificando os impactos que elas trazem para a autonomia, a expressão pessoal e o exercício da cidadania. A relevância deste estudo reside na necessidade de uma abordagem educacional que valorize tanto a oralidade quanto a escrita como pilares do desenvolvimento integral do sujeito.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A escrita e a oralidade têm desempenhado papéis fundamentais na comunicação humana ao longo da história, cada uma com uma importância singular. **Oralidade**, Segundo Walter Ong, um renomado estudioso da comunicação e da cultura, explorou profundamente as diferenças entre oralidade e escrita, especialmente em sua obra *Orality and Literacy: The Technologizing of the Word* (1982). Para ele, a oralidade e a escrita são modos de comunicação que têm impactos distintos na forma como as pessoas pensam, se relacionam e

organizam o conhecimento. Aqui está um resumo dos conceitos-chave de oralidade e escrita segundo Walter Ong na tradução de Bubnova *et al.* (2011) “o filósofo russo da linguagem Mikhail Bakhtin, apesar de não ter se ocupado do folclore e da tradição oral, mas da literatura escrita canônica, utiliza amplamente o vocabulário relacionado ao oral, à voz, à audição, à escuta, ao tom, à tonalidade, à entonação, ao acento, etc”.

Ainda de acordo com o texto traduzido, Bakhtin se difere de outros autores não trata a oralidade como um domínio à parte da escrita, e não faz uma drástica divisão entre cultura oral e a cultura escrita como dois âmbitos contrastantes. Para o teórico, “tanto o da voz quanto o da letra, aparece unificado pela produção dinâmica dos sentidos, gerados e transmitidos pelas vozes personalizadas, que representam posições éticas e ideológicas diferenciadas em uma união e intercâmbio contínuo com as demais vozes” (Bubnova *et al.*, 2011). No centro de sua concepção de mundo, encontra-se o homem em permanente interação com seus semelhantes mediante a linguagem entendida como ato ético, como ação, como comunicação dinâmica, como energia.

Assim, podemos afirmar que a escrita é a transcrição codificada das vozes, capaz de transmitir os sentidos desse diálogo ontológico - posto que, segundo Bakhtin, ser é comunicar-se dialogicamente - e não um meio autônomo que organiza sentidos próprios, muitas vezes contraditórios, e frequentemente em conflito com as supostas "intenções" dos sujeitos que escrevem, como acontece nas teorias da desconstrução dedicadas à escrita. Nas palavras de Paul Zumthor, "O texto não é mais que a oportunidade do gesto vocal" (1989, p. 65).

No mundo de Bakhtin, a escrita é privilegiada justamente como um percurso capaz de traduzir a voz humana na medida em que é portadora dos sentidos da existência, preservando de modo específico suas modalidades, que ele caracteriza mediante metáforas relacionadas à voz e à música: polifonia, contraponto, orquestração, palavra a duas vozes, coro, tom, tonalidade, entonação, acento etc. Não são categorias estilísticas no sentido tradicional, que se configuram como traços distintivos dos autores individuais, mas são concebidas como uma espécie de memória semânticossocial (cf. Dahlet, 1992), cujo depositário é a forma das palavras, e nesse aspecto são, antes de mais nada, portadoras de valorização social. Segundo Bubnova *et al.* (2011) a mesma palavra enunciado, que na comunicação discursiva é a unidade mínima do sentido (que pode ser respondida), em sua

versão russa está ligada ao falar, articular, argumentar; em uma palavra, trata-se de dar voz a alguém, tanto em seu processo como em seu resultado: *vyskazyvanie*. O enunciado seria, portanto, a metáfora da oralidade codificada por escrito, é uma unidade mínima de sentido que pode ser respondida no processo da comunicação dialógica.

O mundo que nos rodeia, segundo Bakhtin, está povoado de vozes de outras pessoas, vozes são palavras no sentido de "enunciados": "Vivo em um mundo povoado de palavras alheias. E toda a minha vida, então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar-me de todos os tesouros da cultura" (1979, p. 347-8), entendendo por esta a comunicação discursiva de "segundo grau", ou seja, a escrita. Mas sem dúvida Bakhtin fala das palavras escritas somente em uma segunda instância, partindo da comunicação oral, e na escrita ressoam, para ele, de um modo virtual, mas semioticamente perceptível, as vozes das outras pessoas, de opiniões, de posicionamentos individuais e de grupos sociais.

Para Bubnova *et al.* (2011) essa situação primária vocalizada, polifônica, que é o pressuposto básico da concepção de mundo do nosso pensador, tem sido comparada com a de uma mente esquizofrênica, mas tal interpretação é sem dúvida o efeito do impacto da psiquiatria e da psicanálise na compreensão de nós mesmos: as vozes das quais fala Bakhtin são construtoras do sentido de nossas enunciações por nos incitar à resposta, não necessariamente agressões a nosso ser. Para forjar um novo sentido a partir das vozes alheias, envolvemo-nos em um processo de compreensão do que se disse antes e tratamos de ouvir a possível resposta de nossos interlocutores, antecipando-a.

Todas as palavras são direcionadas a alguém e são de alguém (não há palavras neutras, que existam por conta própria), e dizer palavras próprias - as que "pertencem" a alguém - só é possível em resposta a algo que foi dito antes de nós. É no processo da comunicação verbal, da interação com o outro, que alguém se faz sujeito forjando seu próprio eu. O "eu" só existe na medida em que está relacionado a um "tu": "Ser significa comunicar-se", e um "eu" é alguém a quem se dirigiu como um "tu". Desse modo, a onipresença da voz é equiparável à ubiquidade do outro em nossa existência, de tal modo que a construção do eu mediante o verbal passa pelo diálogo como forma primária de comunicação e pensamento e, mais ainda, como concepção do sujeito e seu ser (Bubnova *et al.*, 2011)

Para Bajtín (1996) essa concepção linguístico-discursiva corresponde aos termos da antropologia filosófica bakhtiniana, sua "filosofia primeira", a qual identifica o ser como algo que nos fala: como "ser expressivo e falante", que é, certamente, o objeto das humanidades (Bajtín, 1996, p. 8). Ainda de acordo com Bubnova *et al.* (2011) o homem e seu fazer em

uma intensa interação com outro homem está, como já dissemos, no centro de sua "primeira filosofia". Nossa percepção de mundo se dá por meio de sentidos físicos, mas também morais, “[...] que são as valorações geradas por meus atos que sempre se realizam em presença e em cooperação com o outro ser humano, por intermédio de uma tríplice ótica na qual vemos o mundo: eu-para-mim, eu-para-outro, outro-para-mim, de tal modo” (Bubnova *et al.*, 2011), demonstrando que há sempre uma estreita participação do outro.

O espaço é onde o outro sempre se encontra, enquanto eu tenho de entrar no espaço. Cada ocupação, cada expressão ou gesto e cada tarefa são destinadas para o outro; por isso, o ato sempre será um encontro com o outro, encontro baseado em uma responsabilidade específica que a relação com o outro produz: minha posição no espaço e no tempo é única e irrepitível, por isso eu sou a única pessoa capaz de realizar os atos concretos que me correspondem a partir do meu único lugar no mundo, atos que ninguém pode executar em meu lugar,

No entanto, são atos "para-outro". Esses atos, realizados "para outro", procurando seu olhar e sua sanção, repercutem de uma maneira definitiva em outra pessoa e no mundo. O que acontece entre nós, entre o "tu" e o "eu", é um "acontecimento do ser", um "aconteSer", um fato dinâmico aberto que tem caráter de interrogação e de resposta ao mesmo tempo, e uma projeção ontológica: o "acontecimento do ser" é, em russo, *sobytie bytia*, um "ser juntos no ser". Qualquer ato nosso que não seja fortuito obedece à tensão permanente do dever ser, de obrigatoriedade, que emana para mim do outro: é um ato entendido como "ato ético" (*postupok*), que nos faz contrair responsabilidade e admitir consequências: "no ser não há alibi". Ao nos envolvermos em um sistema de relações com os outros no qual nada se perde, mas que tem um efeito irremissível, seja imediatamente ou a longo prazo, sobre algo ou alguém: ser no mundo compromete. O ato é uma resposta a algum ato anterior que, enquanto tal, possui um sentido, e ao provocar uma resposta no outro gera outro sentido novo: a filosofia do ato ético, segundo Bakhtin, prefigura a filosofia dialógica na qual aos parâmetros descritivos do ato é acrescentado outro ingrediente decisivo, constituinte do humano, que é a palavra, que para o ser humano sempre esteve aí, como o outro. (Bubnova *et al.*, 2011)

Coadunamos com Bubnova et al. (2011) quando afirma que “a língua, se não é tudo na vida humana, está em tudo, organicamente integrada ao ato ético bilateral, de modo que se pode falar, entre a infinita variedade dos atos humanos, de ato ação física, ato pensamento, ato sentimento, ato estético ou artístico, ato cognitivo, e de ato enunciado em si”. A linguagem está organicamente integrada em todos os tipos de atos. Assim, o sentido da palavra dita se funde e se imbrica com a ação e adquire o poder de uma ação. Do mesmo modo, a palavra escrita conserva este poder de ascendente sobre o mundo e contém elementos persuasivos capazes de provocar a resposta do outro. E esses elementos da palavra escrita

estão pensados como elementos do discurso oral traduzido em letra, como traços estruturais que constituem uma voz escrita.

Desse modo, nosso mundo existe animado pela palavra sonora que não é levada pelo vento, mas que possui o valor de um ato ético, a força persuasiva de um enunciado ação, e na potência das propriedades estéticas de um objeto de arte⁸. Mas o mais importante é que as palavras podem existir unicamente em forma de diálogo, da mesma forma em que o sujeito, o eu, só existe em uma interação com o outro que lhe dá a origem no momento de lhe dirigir a palavra por meio de um tu, para que possamos reconhecer humildemente: "eu também sou".

Este domínio do sentido dialógico é pensado em termos vocais de alternância entre o som e sua ausência. O território do enunciado, entendido como enunciação, abarca não apenas o dito explicitamente, mas também a esfera do silêncio significativo, do suposto, do não-dito, do não-dizível ou do inefável etc. A significação da voz que soa alterna com a significação do calar, do silêncio que é pausa do processo da enunciação, do intercâmbio discursivo. O domínio do discurso inclui, desse modo, não apenas o estritamente vocalizado, mas também os gestos e as expressões corporais, as pausas, as ausências, as respostas tácitas, os sentidos mudos.

Mais ainda, o discurso não é só palavras ou linguagem, não só nosso jargão extraoficial e não só o recurso de sobrevivência, ainda que tais funções sejam próprias de um registro inferior. Não se trata apenas do canto ou da poesia, prosa ou drama, argumento ou sermão, ainda que esses sejam registros "altos" do discurso. Além dos limites das formas verbais, é o discurso também qualquer forma totalmente séria de autoexpressão do ser humano, desde o abraço e a carícia até a dança e a sinfonia. (cf. Gardner, 1993, p. 40-1).

Para Bubnova *et al.* (2011) "Bakhtin atrai a atenção para o status da alternância do silêncio e do som, da percepção do som (sobre o fundo do silêncio). Esse silêncio significativo deve ser entendido como ausência da palavra, não como uma mera ausência do som não significativo, "natural"". O romper do silêncio mediante o som é uma ação mecânica, o romper do calar mediante a palavra é um ato personalizado e cheio de sentido. No silêncio nada soa (ou algo não soa); na taciturnidade ninguém fala (ou alguém não fala). O calar só é possível em um mundo humano (e tem sentido somente para o ser humano).

A sequência do calar - som cheio de sentido (palavra) - e pausa representam uma

determinada logosfera, uma estrutura unificada e contínua, uma totalidade aberta (inacabada) que vem a ser o modelo da comunicação concebida como a própria existência. O calar é parte do ato ou é ato de enunciado mudo, por assim dizer (cf. 1979, p.337-8).

A combinação do som com o silêncio significativo, que responde a algo dito e/ou significado antes, produz como resultado a irrupção do sentido. Só aquilo que responde a uma pergunta tem sentido. O sentido é, então, uma resposta a algo dito antes, e, é algo que pode ser respondido. A voz é, assim, a fonte de um sentido personalizado; atrás dela há um sujeito pessoa; mas não se trata de uma "metafísica da presença", dos sentidos pré-existentes e imóveis, nem de algo fantasmagórico, mas de um constante devir do sentido permanentemente gerado pelo ato-resposta, que vai sendo modificado no tempo ao ser retomado por outros participantes no diálogo.

Com base em semelhante concepção de mundo do humano, a aparição da metáfora da polifonia, uma das mais marcantes do ideário bakhtiniano, deixa de ser casual. A própria realidade é polifônica. Em razão disso:

toda palavra (enunciado) concreta encontra o objeto que é dirigido ao falado [...], discutindo, avaliando, envolto em uma neblina que lhe faz sombra ou, ao contrário, na luz das palavras alheias já ditas sobre ele. Encontra-se enredado e penetrado por ideias comuns, ponto de vista, avaliações alheias, acentos. A palavra orientada ao seu objeto entra neste meio dialogicamente agitado e tenso das palavras, valorações e acentos alheios, se entrelaça com suas complexas interrelações, fundese com umas, repele outras, entrecruza-se com terceiras (Bajtín, 1975, p. 89-90).

Por alguma razão, Bakhtin diz que “polifonia é uma metáfora derivada do contexto musical, mas não do todo metafórico”. Este “não do todo” é um flerte com a antropologia filosófica que concebe o âmbito do humano como um espaço povoado de som significativo misturado de silêncio significativo, imerso no ato global capaz de abarcar todas as esferas da existência: a ética, a estética, a pragmático-cognitiva. Nesse âmbito, existimos atravessados por infinitos vetores de nossas relações com os outros, que podem ser concebidos em forma de vozes da polifonia, vozes ações, opiniões, ideologias.

A polifonia em sua relação com o diálogo se refere à orquestração das vozes em diálogo aberto, sem solução. A metáfora musical está estreitamente ligada ao dialógico e sugere que a música é também uma linguagem. A mesma ideia da entonação, que Bakhtin costuma usar para caracterizar o ato de valoração inerente ao enunciado, tem sido relacionada pelos teóricos da música, como Boris Asafiev (cf. Malczynski, 1999), com a linguagem

musical.

O caráter de acontecimentos que tem o ato-enunciado - é ato bilateral, de dupla autoria construtora de sentido - determina sua condição dialógica e sua inerente responsabilidade/responsividade: a alternante capacidade de tomar consciência de seu compromisso no ato por meio da capacidade de responder ao ato-enunciado anterior e prever uma futura resposta. Todo sentido, repito, é uma resposta a um sentido anterior, todo autor é responsável pelo sentido do enunciado que emite, todo autor compartilha a autoria com o receptor de sua resposta etc.

Ao atuar e ao falar, somos autores dos atos responsáveis que envolvem nossa posição no mundo e nosso ser. A realidade da linguagem como ação na versão bakhtiniana é a de pluralidade de linguagens sociais e de discursos ideológicos que constituem um meio dinâmico da heteroglossia (pluridiscursividade) e remete à oralidade. É um mundo povoado de som do discurso oral, com suas modulações, assentos e entonações, cada um dos quais é portador das nuances de sentido social e situacionalmente personalizado. Cada voz possui sua cronotopia - sua raiz espaço-temporal - que a situa como única, e sua ideologia, que a identifica como entidade social.

Voz se identifica com opinião, ideia, ponto de vista, postura ideológica. Desse modo, na obra de Dostoiévski, o herói de uma novela "não é uma imagem, e sim a palavra plena, a voz pura; não o vemos, mas o escutamos. (1929, p. 45). "Cada herói chega a ser uma voz-postura em um diálogo inacabado" (1996, p. 367). O mundo concebido assim se modela em "visões do mundo materializadas nas vozes" (1996, p. 354).

As sequências de sentido pronunciadas pelas vozes constituem um diálogo permanente, inacabado, que nos rodeia, no qual existimos inacabados, e que a prosa artística é capaz de reproduzir graças ao dialogismo inerente à palavra, alcançando um efeito polifônico.

Para se converter em dialógicas, as relações lógicas e semântico-objetais, que a semântica encontra nas sequências do sentido, precisam se encarnar: devem formar parte de outro ser, tornar-se palavra, ou seja, enunciado, e adquirir um autor, isto é, um criador do enunciado determinado, cuja posição está expressando (cf. 1979b, p. 213). "A voz moldada no corpo" é a personalização, encarnação de um sujeito concreto de uma postura inicial (1996, p. 365). A voz é, desse modo, também a metáfora do corpo, da presença necessária

do homem total no diálogo no tempo aberto. No entanto, essa concepção está muito distante de qualquer mística: a metáfora do corpo sugere a plenitude humana. Seu autor: implica estar relacionado com vontade criadora e com posição determinada à qual se pode reagir dialogicamente. "A reação dialógica personifica qualquer enunciado ao qual está reagindo" (1979b, p. 213).

Não é uma "presença" metafísica que parte de uma imagem de um homem concreto. O autor pode ser fisicamente desconhecido, pode ser coletivo, a obra pode ser criação de uma sequência geracional etc. É uma vontade individualizadora de projeções sociais plenas. Essa responsabilidade é organicamente ligada ao ato concreto (provém dele), mas é ao mesmo tempo ontológica: está sempre aí, como o outro. As metáforas vocais de tom, entonação, tonalidade, acento etc., materializam essa presença, ao remeter potencialmente à corporalidade. Um dos traços menos compreendidos de Bakhtin é esta simultaneidade dos níveis e esferas do ser normalmente separadas na prática e na cognição, simultaneidade que remete à totalidade ético-estética e pragmático-cognitiva do ser humano.

Assim, a própria ideia do pensamento dialógico é inerente à cultura oral. O diálogo é a condição primeira da linguagem. O pensamento oral, segundo W. Ong, tende ao diálogo espontaneamente (1987, p. 40; o interlocutor é um instrumento mnemotécnico e analítico para um falante que não dispõe do recurso da escrita): "A condição oral básica da linguagem é permanente" (1987, p. 17).

Nesse diálogo primordial, o ser humano participa com todas as suas faculdades físicas e morais que se projetam tanto em direção à realidade de um mundo concreto cotidiano como em direção à esfera ontológica: do corpo à palavra se dá uma intensa interação entre o eu e o outro, ao que concebemos como um terceiro na transcendência e como o próximo na vida real.

Bakhtin apresenta como um problema não somente para os estudos literários, mas também para a linguística, a questão da reprodução da voz ou da palavra alheia, ou seja, a representação da palavra pela palavra, da palavra alheia por si própria. Em uma palavra soa a voz de quem disse essa palavra antes. O bivocalismo, palavra a duas vozes, é de fato um dos recursos principais da ironia, poderoso instrumento da comunicação oral e escrita. Na palavra a duas vozes, há dois pontos de vista, duas opiniões, duas intenções que entram em conflito. A palavra bivocal é a reação à palavra alheia, à palavra de outra pessoa. O acento,

em particular, o alheio, isto é, a entonação que reproduz a valoração social, é o que determina a reprodução da palavra do outro. "A palavra bivocal da prosa é ambígua", afirma Bakhtin (1975, p. 140) a partir de vários pontos de vista, e em primeiro lugar porque o processo da compreensão da palavra alheia reproduzida implica sempre um deslocamento do sentido ao atualizá-la. O que reproduzimos como opinião de alguém nunca é cem por cento idêntico ao original.

2.1 ORALIDADE PRIMÁRIA

Conceito: Refere-se às culturas que não conhecem ou não utilizam a escrita. Nesses contextos, todo o conhecimento e comunicação acontecem de forma oral, ou seja, por meio da fala e da escuta. A oralidade primária é um conceito introduzido por estudiosos como Walter Ong e Milman Parry, que destacam a importância da oralidade na formação das culturas. Este tipo de comunicação é caracterizado pela sua natureza efêmera e imediata, onde as informações são transmitidas de forma direta, sem a mediação da escrita.

Em sociedades orais, as narrativas, mitos e tradições são passados de geração em geração através da memorização e da performance, o que confere à oralidade uma dimensão social e comunitária. A oralidade primária é marcada pela interação direta entre emissor e receptor. Essa imediatividade permite que as mensagens sejam adaptadas conforme o contexto da comunicação e as reações do público. O orador pode ajustar seu discurso, utilizando recursos como repetição e variação para manter a atenção e garantir a compreensão.

2.3 CARACTERÍSTICAS:

Pensamento situacional: Nas culturas de oralidade primária, o pensamento está fortemente conectado ao contexto imediato e concreto. Ideias são transmitidas através de narrativas, fábulas e metáforas, o que facilita a memorização.

Comunicabilidade imediata: A comunicação é presencial e depende de interações sociais diretas. A linguagem falada é vivida e tem um forte vínculo com a comunidade e com a tradição.

Redundância e repetição: Na oralidade, é comum o uso de fórmulas e repetições, pois essas técnicas facilitam a memória em um ambiente onde a escrita não está disponível para registrar

e organizar ideias.

À escola cabe conhecer os fatores que intervêm no processo de escolarização da criança, procurando, no dia-a-dia da rotina escolar, acolher as diferenças, sem anulá-las, e envidar todo o esforço no caminho da transformação dessas formas iniciais de socialização. Conhecer as diferenças, saber operar com e a partir delas para se conseguir a mudança e a transformação social desejada. Esta é a finalidade do processo educativo- a formação de pessoas críticas, criativas e autônomas.

De modo geral, as línguas apresentam-se sob duas modalidades principais: a oral e a escrita. Tais modalidades são de suma importância para o estabelecimento da interação entre os sujeitos. Os estudos acerca das relações entre fala/escrita não são novos; contudo, nos últimos anos, têm ganhado corpo devido ao grande avanço dos Estudos Linguísticos. De acordo com Fávero, Andrade e Aquino: a escrita tem sido vista como estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto (Fávero; Andrade; Aquino, 2009, p. 9).

A fala, portanto, era tida como não planejada, presa à situação enunciativa, voltada às necessidades mais imediatas, dispersa, sendo considerada um “ caos” , enquanto a escrita era caracterizada como planejada previamente, mais ligada à cultura de um povo e à elaboração intelectual, coesa e bem estruturada. Desse modo, percebemos que a língua escrita foi e é supervalorizada.

Se por um lado na oralidade não se pode falar em erro, já que as variantes constituem maneiras alternativas de dizer a mesma coisa e a transgressão é apenas um fator social, por outro lado, na língua escrita, o erro é visto de outra maneira, uma vez que a escrita deve obedecer a um código convencionado que não prevê variação.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino para analisar adequadamente um texto (falado ou escrito), é preciso identificar os componentes que fazem parte da situação comunicativa, suas características pessoais (personalidade, interesses, crenças, modos e emoções) e de seu grupo social (classe social, grupo étnico, sexo, idade, ocupação, educação, entre outros), pois eles favorecem a interpretação dos papéis dos interlocutores (falante-ouvinte-audiência (facultativa)/escritor-leitor) num evento particular, determinado, dados os componentes linguísticos desse texto. É fundamental que o professor conheça a realidade de seus alunos para que possa intervir de maneira consciente e responsável para o desenvolvimento pleno

de seus educandos.

Para Soares (1989) o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada.

2.4 FALA E ESCRITA

Historicamente a fala nos é dada, pois, onde quer que haja seres humanos, há linguagem verbal oral, ao passo que a escrita, precede a leitura e é uma convenção que necessita ser intensiva e sistematicamente aprendida. Então na escrita o estatuto do erro tem natureza diferente. [...] porque representa a transgressão de um código convencionado e prescrito pela ortografia. Aqui também há um forte componente de avaliação social, pois erros ortográficos são avaliados muito negativamente. Mas podemos considerá-lo uma transgressão porque a ortografia é um código que não prevê variação. A ortografia de cada palavra é fixada ao longo de anos e até séculos no processo de codificação linguística. (Bortoni- Ricardo, 2006, p. 273).

Se na oralidade o que a sociedade chama de ‘ erro’ é concebido pela sociolinguística como variantes linguísticas, maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, a exemplo de vontad[e] / fala[r], as variantes não - padrão vontad[i] / fal[á] são utilizadas na maior parte das regiões do país, com a escrita não ocorre o mesmo, como vimos na citação o código convencionado e prescrito pela ortografia não prevê variação.

Conceito: Segundo Ong, a escrita é uma "tecnologia" que transformou profundamente o modo de pensar e comunicar. Ela não é apenas uma forma de transcrever a oralidade, mas algo que altera o pensamento e a estrutura cognitiva das sociedades.

Características:

Distanciamento do contexto: Ao contrário da oralidade, a escrita permite que o pensamento se afaste do contexto imediato. A escrita é mais abstrata e permite a criação de conceitos complexos e a análise crítica.

Interiorização e reflexão: A escrita permite que o indivíduo desenvolva uma introspecção mais profunda, pois os textos podem ser lidos e relidos de maneira independente do momento

em que foram criados.

Permanência: A escrita cria um registro duradouro da informação. Enquanto na oralidade a memória é o principal meio de transmissão de conhecimento, a escrita permite que informações sejam preservadas de forma mais precisa e ao longo do tempo.

Organização linear: O pensamento escrito tende a ser mais linear e estruturado, com introdução, desenvolvimento e conclusão, diferentemente da fluidez e da repetição características da oralidade.

2.5 IMPACTO DA TRANSIÇÃO DE ORALIDADE PARA ESCRITA

Ong argumenta que a transição de uma cultura oral para uma cultura escrita altera a forma como as pessoas pensam e se organizam socialmente. A escrita promove a análise crítica e o desenvolvimento de conceitos mais abstratos e complexos, algo que não é tão comum em culturas orais. Ele também aponta que a escrita introduz um certo "distanciamento" entre o emissor e o receptor, já que o autor não precisa estar presente para que sua mensagem seja recebida. Isso contrasta com a oralidade, que depende de uma interação direta e imediata entre as pessoas.

A transmissão oral depende fortemente da memória. Os indivíduos que pertencem a uma cultura oral desenvolvem habilidades de memorização extraordinárias, utilizando técnicas como rimas, ritmos e estruturas narrativas para facilitar a lembrança. A memória coletiva se torna essencial, pois é através dela que as histórias e os conhecimentos são preservados e compartilhados.

Oralidade Secundária

Com a chegada de meios eletrônicos, como o rádio, a televisão e a internet, Ong fala sobre o que ele chama de "oralidade secundária", que mescla características de ambas as oralidade e escrita. Embora as mídias eletrônicas envolvam formas de comunicação orais, elas são profundamente influenciadas pela cultura escrita.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para investigar as relações e os impactos da oralidade e da escrita na formação do sujeito comunicativo, este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa de pesquisa, com ênfase em uma revisão teórica e entrevistas semiestruturadas com educadores e especialistas, professores e coordenadores pedagógicos do ensino.

A pesquisa bibliográfica fundamenta-se em obras de referência sobre comunicação, linguística e educação, com destaque para as contribuições de Walter Ong e Paul Zumthor. Ong, em suas discussões sobre as transições da cultura oral para a cultura escrita, explora as mudanças cognitivas e culturais que a escrita proporciona, ajudando a contextualizar o impacto dessa prática na formação do pensamento e da comunicação. Paul Zumthor, por sua vez, oferece uma visão aprofundada da oralidade enquanto fenômeno performático, cultural e interativo, ampliando a compreensão das dinâmicas sociais e da identidade na comunicação oral. Além deles, obras de outros teóricos, como Paulo Freire e Bakhtin, complementam a análise dos aspectos teóricos da linguagem e suas implicações educacionais.

Para a coleta de dados empíricos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com educadores de ensino fundamental e médio, que responderam a questões sobre a importância da oralidade e da escrita e as metodologias que utilizam para desenvolver essas competências em sala de aula. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo e entrevista, divididos em categorias que incluem "Desafios no ensino da oralidade e da escrita", "Impactos no desenvolvimento do pensamento crítico" e "Práticas pedagógicas integrativas". As entrevistas focaram em questões como:

- Quais estratégias pedagógicas são utilizadas para desenvolver a oralidade e a escrita de forma integrada?
- Quais são os principais desafios encontrados no ensino dessas práticas e suas relações?
- Como os educadores percebem os impactos da oralidade e da escrita no desenvolvimento comunicativo e crítico dos alunos?
- Há mudanças percebidas nos alunos em termos de confiança e autonomia ao trabalhar a oralidade junto com a escrita?

A escolha das entrevistas semiestruturadas se justifica pela flexibilidade que esse método

proporciona, permitindo que os participantes compartilhem suas perspectivas de forma ampla e profunda. As respostas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas, com o consentimento de cada entrevistado, garantindo a confidencialidade e a ética na pesquisa.

3. 1 DA ANÁLISE

A análise revelou que a oralidade e a escrita, enquanto práticas inter-relacionadas, desempenham papéis complementares e essenciais na formação do sujeito comunicativo.

A análise se concentrou em categorias como:

1. Práticas pedagógicas integrativas – atividades e métodos que os educadores utilizam para unir oralidade e escrita em sala de aula.
2. Impactos na autonomia e expressão – efeitos observados pelos educadores no desenvolvimento da expressão pessoal, autoconfiança e habilidade crítica dos alunos.
3. Desafios e limitações – dificuldades mencionadas pelos professores em relação ao tempo, recursos e metodologia para trabalhar as duas práticas de maneira equilibrada.

A pesquisa bibliográfica, baseada em autores como Walter Ong e Paul Zumthor, ofereceu uma compreensão ampla dessas práticas. Ong destaca como a escrita transforma o pensamento e a cultura, criando um novo tipo de consciência e organização do conhecimento que enriquece a experiência humana. Essa perspectiva ajuda a entender a importância da escrita para o desenvolvimento de habilidades como o pensamento crítico e a abstração.

A visão de Zumthor sobre a oralidade enfatiza sua natureza performática e comunitária, aspectos que educadores confirmaram serem essenciais para promover a expressão, a escuta ativa e a interação. A oralidade, conforme apontaram os entrevistados, incentiva o desenvolvimento de habilidades sociais e de argumentação, que são vitais para que o aluno participe de maneira crítica no ambiente escolar e em outros contextos.

Na prática educacional, constatou-se que a integração dessas habilidades potencializa o desenvolvimento comunicativo, permitindo que os alunos transitem entre diferentes registros e contextos. Educadores relataram que atividades que combinam oralidade e escrita resultam em maior segurança na comunicação e uma percepção mais ampla dos diferentes modos de expressão.

Por fim, foi identificado que um dos principais desafios na educação linguística é o

excesso de ênfase na escrita formal, que pode limitar o desenvolvimento comunicativo completo dos alunos. A inclusão de atividades orais e escrita, conforme sugerem Ong e Zumthor, pode contribuir para uma formação mais equilibrada e inclusiva, que valorize o sujeito comunicativo como um todo.

4 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foi possível observar que a oralidade, leitura e a escrita, embora possuam características distintas, são práticas interdependentes que, quando trabalhadas em conjunto, potencializam o desenvolvimento comunicativo dos indivíduos. A oralidade contribui para a expressão espontânea e a interação social, enquanto a escrita aprimora a capacidade de organização do pensamento e de registro do conhecimento. Na educação, a integração dessas habilidades contribui para a formação de sujeitos comunicativos completos, capazes de interpretar e produzir discursos em diferentes contextos.

Portanto, promover o desenvolvimento equilibrado de oralidade e escrita nas práticas pedagógicas é essencial para formar indivíduos críticos, autônomos e aptos a participar plenamente da sociedade. Este estudo reforça a importância de metodologias que valorizem ambas as competências, incentivando a construção de uma educação linguística inclusiva e transformadora. Espera-se que essa pesquisa contribua para o entendimento do impacto positivo da união entre oralidade e escrita na formação do sujeito comunicativo e inspire práticas educativas mais integradas e eficazes.

REFERENCIAS

- ANDRADE, O. **Manifesto antropofágico**. In: __. Poesias reunidas. São Paulo: Globo, 1970.
- AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 65.
- BAKHTIN, M. **Problemas de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1979. p. 347-348.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa no contexto escolar**. Brasília: Thesaurus, 2008.
- BUBNOVA, T., BARONAS, R. L., & TONELLI, F. (2011). Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana: Revista De Estudos Do Discurso*, 6(1), 268–280.
<https://doi.org/10.1590/S2176-45732011000200016>
- DAHLET, M.-A. **A oralidade no ensino da língua materna**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAHLET, M.-A. **A oralidade no ensino da língua materna**. São Paulo: Cortez, 2015.
- FÁVERO, L. L. **Escrita e prática pedagógica: desafios e reflexões**. [Cidade]: [Editora], 2009. p. 9.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Tradução de Celina Hespanhol. São Paulo: Artmed, 1993. p. 40-41.
- ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.
- ONG, W. J. **Orality and literacy: the technologizing of the word**. London: Methuen, 1982.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.